



*A caminho dos Paços do Município,
no n.º 48 da rua José Dias da Silva,
encontramos a tertúlia “O Natural”.*

*Uma ode a todas as figuras da cultura tauromáquica,
mas sobretudo às da terra e àquele a que estes tertulianos atribuem
a expressão máxima da cultura taurina: o toureiro a pé.*



Procurar as raízes da Tertúlia é encontrar um grupo de amigos, entusiastas da arte de tourear, que em 1994 comungavam da mesma vontade de confraternizar, promovendo a festa brava. Havia, ainda assim, o desejo de celebrar “Os Jantaristas”, uma tertúlia que marcou Vila Franca de Xira no século passado (com sede no pátio do “tio Marciano Casquinha”) e cuja memória pretendiam referenciar.

É assim, com este intuito, que João Perdigão avança para a compra de uma casa, ali bem perto do centro das emoções, onde decorre a Homenagem ao Campino, momento solene do Colete Encarnado. Foi então tempo de usar o desocupado rés do chão e recheiar o seu interior com peças todas elas pautadas pelo espírito aficionado. Fundada no primeiro dia de julho de 1994, bem enquadrada na maior festa do Concelho, a Tertúlia veio reforçar a amizade dos seus mentores: João Perdigão, Carlos Santos “Dinhas”, Luís Rocha “Pencas”, Joaquim Lobo, Paulo Murinho “Minalho”, José Constantino “Ibraim”, Fernando Coquenim e Paulo Teles “Cigano”. Os fundadores fazem questão de frisar a importância da colaboração do Maestro Mário Coelho que, a título de empréstimo, cedeu algumas peças para aquela ocasião especial. Agradecem também a ajuda de Carlos Bernardes “Camané”, Vítor “Sarda” e, ainda, a de todos os Vila-Franquenses, porque o pequeno espaço físico em nada se assemelha ao espaço no coração.

Toureiro a pé em foco

O mote para a designação da tertúlia foi, desde logo, consensual. Deveria constituir-se dos valores e da paixão que partilham pelo toureiro a pé. Assim, do léxico tauromáquico, foi escolhido “O Natural”, uma das sortes mais artísticas do toureiro apeado, que muitos aficionados consideram exigir um portentoso manancial de técnicas e destrezas. Um passe de

elevado risco em que o matador toureia com a mão esquerda. A decoração do espaço versa também esta preferência, bem como a defesa da corrida de toiros integral (toiros de morte), patentes no próprio chão da Tertúlia. A cor amarela, as raias, a flor e a *montera* ali pintadas remetem, dizem, para o que lhes “vai na alma com respeito ao toureiro a pé”. Mas, todo o interior revela paixão e dedicação. Momentos e ícones do universo tauromáquico enchem as paredes, em fotografias a preto e branco, a cores, em artigos de imprensa sobre corridas abrilhantadas pelas melhores reses e de onde toureiros saíram memoravelmente triunfosos. Podemos apreciar utensílios campesinos ligados ao toiro e ao cavalo e inúmeras gravuras e quadros, ofertas de artistas das exposições ali mesmo decorridas. Destas obras consideram o seu símbolo uma obra a tinta da china, do pintor Vila-Franquense José Noel Perdigão, que ilustra precisamente o tema principal da Tertúlia. Também uma referência particular para um traje de *lucos* do famoso taurino Vila-Franquense António Carvalho, popularizado com a alcunha de “Galinha”, e que consideram a verdadeira relíquia de “O Natural”. Todo o espólio resulta da oferta espontânea de muitos aficionados, toureiros e pintores.

É evidente o forte laço afetivo pelos membros tertulianos que já partiram. São evocados em conversas mas também em fotografias: “os amigos Dinhas e Fernando, Sérgio Galinha, Diamantino Tomás



Pirolito, Bacatum, Manollo das Broncas e tantos outros da velha guarda” com quem “tanto aprendemos na sabedoria do ser e do saber confraternizar”, explica-nos João Perdigão. Também não esquecem o apreço pelos Forcados Amadores do Ribatejo e a irmandade de Nossa Senhora do *Rocio* de Córdoba com quem “têm partilhado noites bonitas e interessantes”.



“Tertulianos residentes”

Assumindo-se uma tertúlia de abertura pública, o seu funcionamento fica, no entanto, condicionado por alguns fatores. Mas, para estes tertulianos, é impensável não fazer parte das festas taurinas da Cidade. Está na essência de cada um. Ao Colete Encarnado chamam “Festa Rainha” e são



“tertulianos residentes”. Integram o roteiro das tertúlias a cada edição do evento. Nos últimos tempos reúnem para almoço de Colete Encarnado com a equipa de futebol (Infantis) do Vilafranquense (através de João Francisco) e respetivos pais. Depois é a vez da grande Noite da Sardinha Assada com grande dose de amizade e de bem receber. Encanta-os no Colete as conversas taurinas que enchem de vida a casa e os amigos e familiares que ali têm lugar cativo. E há sempre quem passe e espreite levado pela curiosidade e também quem entre, pois o convite nunca tarda. Sente-se um “magnífico ambiente taurino”, defende João, é tudo vivido com intensidade, “somos apaixonados pela nossa terra, vivemos a Festa com orgulho, satisfação e emoção”. São três dias que a voracidade do tempo leva, deixando memórias especiais, como aquele burburinho tão familiar, os sons que reconhecemos dos dias e noites de

Colete Encarnado. Desde as esperas de toiros às corridas na Praça Palha Blanco fazem questão de participar e fomentar a sua divulgação. Mais tarde, com a chegada da Feira Anual, em outubro, volta a festa à tertúlia, o vigor e o fulgor nas conversas e patuscadas.

A defesa da cultura taurina

Os membros de “O Natural” defendem a partilha destes espaços peculiares e únicos que são as tertúlias, com o público. Para que este possa “viver e participar deste riquíssimo património”, onde está representada grande parte da identidade do Concelho. “É necessário aprendermos a redescobrir o encanto das tradições” que, por vezes, teima em esconder-se para alguns, diz-nos João Perdigão. Passar de geração em geração os valores da Arte.

Na opinião do grupo, a extensa e “rica Taurocultura Vila-Franquense deveria ser servida por um Centro de Interpretação Tauromáquico, acrescido de um Museu, que provavelmente iria favorecer a nossa terra, região, todos os aficionados e gentes ligadas a esta arte, dando assim expressão e igualmente forma a Vila Franca de Xira, para que a Unesco possa designar a Festa Brava como Património Imaterial da Humanidade em Portugal”.

“O Natural” promete continuar a promover, junto de tertulianos e visitantes, “o espírito que deve presidir, especialmente à Festa Rainha e à Feira Anual: uma relação fraterna, amiga e informada dos valores e tradições da nossa terra e das nossas gentes”.